

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umpho Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

A voz do Papa e a imprensa catholica

Não fomos, mercê de Deus, dos que levantamos a nossa voz, em prol ou contra a carta de S. Em.º o Cardeal Pitra, e foi essa a razão porque até hoje não publicáramos a notavel carta do Santissimo Padre Leão XIII, dirigida ao Em.º Cardeal-Arcebispo de Paris.

Mas em frente da manifestação honrosissima da imprensa catholica do nosso paiz, manifestação que tanto nos entusiasmára, como devera alegrar o paternal coração do nosso Santissimo Paiz; ao ver o modo nobre e digno como o jornalismo, que entrava na liça, ensarilhara armas á voz do Papa, nós, os ultimos dos escriptores catholicos em Portugal, não podemos deixar de fazer publico que nos associamos de toda a nossa alma a esse espirito de concordia e união que ora une em fraternal abraço os nossos collegas no campo da imprensa onde se hasteia a cruz.

E como prova de que o «Progresso Catholico», acatou, respeitou e propagou sempre as doutrinas e ensinamentos da Igreja, e que teve, e terá sempre o Papa como representante de Nosso Senhor Jesus Christo na terra, a quem obedecerá em tudo, publicamos a carta que Sua Santidade dirigira ao Cardeal-Arcebispo de Paris, com cuja publicação affirmamos mais uma vez, a nossa franca, leal, e respeitosa submissão á Santa Sé, e a todos os Prelados com Ella em intima communhão.

Por esta occasião damos um apertado abraço á redacção da «Nação» por ser a primeira, como era de esperar, attentas as tradições gloriosas que representa, a rojar na terra a sua bandeira immaculada, e a proclamar a auctoridade infallivel do Vigario de Jesus Christo.

A redacção.

Carta de Sua Santidade ao Em.º
Cardeal-Arcebispo de Paris

LEÃO XIII, PAPA

Carissimo filho. sauda e benção apostolica

A vossa carta cheia dos sentimentos do mais filial affecto, e da mais sincera dedicação para com a Nossa pessoa, consolou docemente o Nosso

um escripto, vindo d'onde menos se devia esperar, e que vós deploráreis como Nós, os clamoros que se levantaram em volta d'elle, e os commentarios a que deu logar. Nos decidem a romper o silencio sobre uma questão que nos mortifica em verdade, mas que nem por isso é menos opportuna, quer para a França, quer para outros paizes.

Por certos indicios que se observam não é difficil perceber que entre os catholicos, em razão talvez da dosgraça dos tempos, alguns ha que não contentes da situação de subditos que tem na Igreja, julgam poder tomar alguma parte no governo d'ella. Pelo menos imaginam que lhes é permitido examinar e julgar a seu modo os actos da auctoridade.

Grave desordem seria se isto podéra prevalecer na Igreja de Deus, onde por expressa vontade do seu divino Fundador foram estabelecidas de maneira a mais cathogorica, duas ordens distinctas: a Igreja discente e a Igreja docente, o rebanho e os Pastores, e entre estes um que é para todos o Chefe e Pastor supremo.

Unicamente aos pastores foi dado o inteiro poder de ensinar, julgar e dirigir; aos fieis foi imposto o dever de seguir estes ensinamentos, de se submeterem docilmente a estes juizos, de se deixarem governar, corrigir e conduzir para a

salvação.

Assim, é absolutamente necessario que os simples fieis se submettam de alma e coração a seus pastores legitimos e estes com elles ao Chefe e Pastor supremo.

D'osta subordinação, d'esta obediencia depende a ordem e a vida da Igreja. Ella é a condição indispensavel para a pratica do bem, e para chegar felizmente a bom porto. So pelo contrario os fieis se arrogam a auctoridade, se pretendem constituir-se em juizes e doutores, se os inferiores preferem ou tentam fazer prevalecer, no governo da Igreja universal, uma di-



D. FRANCISCO D'ALMEIDA

1.º Vice-rei da India.

coração contristado por uma recente e grave amargura.

Ben comprehendéis que nada poderia ser-nos mais profundamente doloroso do que ver perturbado entre os catholicos o espirito de concordia, e quebrantado esse tranquillo repouso. esse abandono cheio de confiança e de submissão proprio de filhos, á paternal auctoridade que os governa.

Assim, á simples manifestação dos primeiros symptomas do mal, não podemos deixar de Nos commover grandemente e de pensar immediatamente em prevenir o perigo.

Eis porque a publicação recente de

recção differente d'aquella que lhe dá a auctoridade suprema, alteram de sua parte a ordem, levam a confusão a um grande numero de espiritos e sabem do caminho recto.

Não é necessario para faltar a um dever tão sagrado, praticar actos de opposição manifesta aos Bispos ou ao Chefe da Igreja; basta que esta opposição se faça d'uma maneira indirecta, tanto mais perigoso quanto com mais cuidado se procura encobrir a por apparencias contrarias.

Falta-se tambem a este dever sagrado quando, sob mostras de excessivo zelo pelo poder e pelas prerogativas do Soberano Pontifice, se não respeitam os Bispos que estão em communhão com Elle, ou se não tem na devida conta a sua auctoridade, ou se interpretam desfavoravelmente os seus actos e intenções, sem esperar o juizo da Sé Apostolica.

E' igualmente uma prova de submissão pouco sincera estabelecer uma opposição entre Soberano Pontifice e Soberano Pontifice. Os que entre duas direcções differentes repellam o presente, dando preferencias ao passado, não dão provas de obediencia a respeito da auctoridade que tem o direito e o dever de os dirigir, tornando sob certo respeito, semelhantes aos que depois d'uma condemnação quizessem appellar para um concilio futuro ou para um Papa mais bem informado.

A este respeito é preciso ter bem presente que no governo geral da Igreja, salvo os deveres essenciaes impostos a todos os Pontifices pelo seu ministerio apostolico, é livre a cada um d'elles adoptar a attitude que julgar melhor segundo os tempos e outras circumstancias. N'esta parte é elle o unico juiz, attendendo a que elle tem não sómente luzes especiaes, mas ainda o conhecimento da situação e das necessidades geraes da catholicidade, segundo as quaes convém que se regule a sua sollicitude apostolica. E' o'lo que deve procurar o bem universal da Igreja, ao qual está subordinado o bem particular, e todos os outros que se subordinam a esta coordenação devem secundar a acção do Director supremo e servir ao fim que elle tem em vista. Assim como a Igreja é uma e um o seu chefe, assim é um o governo, a que todos devem conformar-se.

Do esquecimento d'estes principios resulta para os catholicos uma diminuição do respeito, da veneração e da confiança para com Aquello que lhes foi dado por chefe. D'aqui o enfraquecimento dos laços d'amor e de obediencia que devem unir todos os fieis a seus pastores e os fieis assim como os pastores ao Pastor supremo.

E todavia é d'estes laços que depende principalmente a conservação e a salvação de todos. O esquecimento e não observancia d'estes principios abre caminho o mais largo ás dissensões e ás discordias entre os catholicos em gravissimo detrimento da união que é o caracter distinctivo dos fieis de Jesus Christo. Esta união deveria ser sempre, mas particularmente n'estes tempos, por causa da conspiração de tantas potencias inimigas, o interesse supremo e universal, em presença do qual deveria desaparecer todo o sentimento de satisfação pessoal ou mais particular.

Um tal dever, se a todos incumbe sem excepção, d'uma maneira mais rigorosa incumbe aos jornalistas que se não são animados d'este espirito de docilidade e de submissão tão necessaria a todo o catholico, contribuiriam a estender e aggravar mais os males que nós deploramos. A obrigação que tem a desempenhar em tudo o que diz respeito aos interesses religiosos e a acção da Igreja na sociedade, é pois submeterem-se plenamente de espirito e coração como todos os outros fieis a seus legitimos Bispos e ao Pontifice romano, seguir o reproduzir os seus ensinamentos, secundar de todo o coração os seus esforços, respeitar e fazer respeitar as suas intenções. Os escriptores que procedessem de modo differente para servir as vistas e os interesses d'aquelles cujo espirito e tendencias temos reprovado n'esta carta, faltariam á sua nobre missão e lisongiar-se-hiam tanto em vão de servir por este caminho os interesses e a causa da Igreja, como aquelles que procurassem attenuar e offender a verdade catholica ou constituir-se em seus defensores demasiado timidos.

Fomos levados a discorrer comovoseo sobre taes assumptos não só pela oportunidade que podem ter a respeito da França, mas ainda pelo conhecimento que temos dos vossos sentimentos e pela conducta que tendes sabido observar nos momentos e nas occasiões mais difficeis.

Sempre firme e corajoso na defesa dos interesses religiosos e dos direitos sagrados da Igreja, vós os sustentastes virilmente ainda ha pouco, publicamente os defendestes com a vossa palavra luminosa e potente. Mas á firmeza tendes sabido juntar sempre essa attitude serena e tranquilla, digna da nobre causa que defendeis, ostentando sempre um espirito isento de toda a paixão, plenamente sujeito á direcção da Sé Apostolica e inteiramente dedicado á Nossa pessoa.

Eis porque nos é agradavel poder dar-vos um novo testemunho da Nossa satisfação e da Nossa benevolencia

muito particular, sentindo apenas que vossa saúde não seja tal como Nós ardentemente deseamos.

Ao ceu dirigimos sem cessar preces e votos fervorosos para que ella se vos restabeleça inteiramente, e por longo tempo a conserveis. E como penhor dos divinos favores, que chamamos abundantemente: sobre vós, vos damos, de todo o coração, Nosso amado Filho, ao vosso clero e a todo o vosso povo, a Nossa Benção Apostolica.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, aos 17 de Junho de 1885, 8.º anno do Nosso Pontificado.

LEÃO XIII, Papa.

SECÇÃO RELIGIOSA

O Milagre da Legião Fulminante

I

O REINADO de Marco Aurelio é celebre por muitos titulos, e principalmente pelo milagre da *legião fulminante* que aconteceu no seu tempo: é um facto extraordinario, digno de ser commemorado, e que d'algum modo comprova a divindade do christianismo.

Os incredulos commumente negam este acontecimento, ou não o consideram como miraculoso, porque, segundo o seu systema insensato, desconhecem toda a ideia religiosa e repellam o sobrenatural, e porque um facto d'esta ordem anniquilla o seu philosophismo.

Mas nem a existencia do facto pôde ser negada rasoavelmente, nem subsistem os argumentos com que pretendem attribuir-o a causas naturaes.

Ora vejamos o que aconteceu. O milagre da *legião fulminante* realisouse no anno de 174, sendo imperador Marco Aurelio, que occupou o throno desde o anno de 161 até o de 180.

Este principe, por seu orgulho e maldade, era digno de perseguir o christianismo, e, não obstante fazer profissão de philosopho, seguindo a seita dos stoicos, não foi menos devasso e cruel que muitos dos seus antecessores e successores.

Elle não duvidou fazer uma escandalosa apothecose de seu collega Lucio Vero, o homem mais immoral e cruel do seu tempo, e de Faustina, sua esposa, publicamente adultera; e elevou ás mais altas dignidades os homens que eram notoriamente os mais desregados.

S. Justino dirigiu-lhe uma apologia a favor dos christãos, ainda que esperasse que este escripto lhe custaria a vida. E não se enganou, porque teve por premio a cabeça cortada.

Antonino o Philosopho, nome que muitos dão a Marco Aurelio, era um pedante teimoso, supersticioso e cruel. Ameaçou aniquillar a raça bovina, com suas continuas hecatombes, desde que travou relações com um magico do Egypto chamado Arnuphio, e procurou aprender a arte dos augurios nas entranhas das victimas.

Marco Aurelio adoptou todas as superstições de Roma e das outras nações: cria nos presagios, nos sonhos, em todas as praticas supersticiosas, de maneira que os mesmos philosophos pagãos faziam zombaria d'isso.

Ainda se conserva um engraçado distico em que os bois brancos desejam que este imperador não volte a Roma, victorioso d'uma batalha, com receio de que elle extermine a sua raça.

Marco Aurelio moveu a quarta perseguição contra a Igreja, sendo cruelissimo e produzindo muitos martyres.

Alguns historiadores modernos, principalmente da phalange philosophica e voltaireana, exaltam as virtudes e os talentos d'este imperador, a quem denominam principe bondoso, d'um caracter divino, virtuoso, philosopho, tolerante e humano.

A historia veridica diz que fôra um monstro de maldades, um tyranno, legitimo herdeiro das *virtudes* dos Neros e Caligulas.

Despota e cruel, perseguiu os christãos por superstição e por philosophia, e a Igreja só teve algum repouso, muito breve, depois do milagre da *legião fulminante*.

Historiemos agora o grande acontecimento.

Emquanto Marco Aurelio, perseguindo os christãos, enviava ao supplicio os seus mais fieis subditos, colligavam-se novamente os barbaros contra o imperio, e quasi que o poseram ás bordas da sua ruina. Foi esta guerra mais duradoura e de resultado mais duvidoso que as precedentes.

Corria o anno de 174, e era na fôrça do estio. O imperador estava no coraço da Allemanha, batendo os quadros, os parthos, os marcomanos e outros povos que habitavam desde o mar Negro até ao Rheno.

Estando o exercito romano a pelejar com os quadros, povo da Germania, alem do Danubio, entranhou-se n'um profundo valle que por todos os lados era cercado de altas montanhas e bosques, d'onde lhe era impossivel retirar-se.

Os barbaros apparecem de repente no cume das alturas, e o exercito romano, sem poder avançar nem recuar, se vê no maior perigo. Parece que a contenda se vai decidir a favor do inimigo, não mencionando a desmoralisação das tropas romanas, que, de mais

d'isso, se vêem apertadas d'uma secca espantosa, e estavam privadas de agua ha cinco dias. A calma era excessiva, e no sitio não havia agua.

Ora no exercito de Marco Aurelio havia uma legião de soldados christãos, denominada a *legião melitina*, porque eram naturaes de Melitina, cidade da Armenia, ou das suas visinhanças. E' por meio d'ella que o céo vai alcançar victoria contra os barbaros.

Com effeito, o commandante das cohortes pretorianas, conferenciando com o imperador que se achava presente n'esta batalha, lhe diz:

« Cesar, a legião melitina, que faz parte do corpo do exercito, compõe-se de christãos, aos quaes nada é impossivel. »

Ouvindo isto o imperador respondeu:

« Ordenae que ella se ponha em oração. »

Assim se cumpriu. Aquella legião composta de velhos soldados, vindos do Oriente, cheia de fé, se lança de joelhos, e supplica ardentemente ao verdadeiro Deus que manifeste o seu poder e glorifique o seu nome.

Acabada a oração, o céo se cobre de espessas nuvens: o raio estalla com um estampido horrroso que ecchoa pelos valles: uma chuva de pedra e de fogo cahi sem cessar sobre os barbaros, abrazando-os e pondo-os em fugida, e ao mesmo tempo que uma abundante e benefica chuva refresca os romanos que derrotaram completamente os inimigos.

Citaremos sobre este facto um auctor pagão, Dion Cassio, que viveu no seculo III.

Diz elle:

« Viu-se, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, o fogo e a agua descerem do céo, uns refrescados e os outros abrazados, porque o fogo não alcançava os romanos e a agua abrasava os barbaros como azeite inflammado. »

« Inundados como estavam, pediam agua em altos gritos, e se faziam largas feridas para apagar o incendio que os devorava. Em sua desesperação se lançavam no meio dos romanos, onde sómente era a agua refrigerante. O imperador teve piedade d'elles. »

« Em memoria d'este facto acclamou o exercito a Marco Aurelio imperador pela sétima vez: e o principe quiz que a legião melitina se chamasse d'ahi em diante a *Legião Fulminante*. »

« Não se contentou com isso: havendo dado parte ao senado do milagre acontecimento, publicou um edicto para fazer cessar a perseguição contra os christãos. »

Este facto prodigioso, de tanta gloria para o christianismo, então cruelmente perseguido pelos poderes publi-

cos, é referido por todos os auctores coevos ou contemporaneos d'elle, sobre tudo por Eusebio de Cesarea, que deve ler-se, assim como as notas do doutissimo Henrique de Valois.

Tertulliano, escriptor d'esse tempo, falla d'elle como d'um facto publico e incontestavel, e diz aos romanos que consultem a este respeito a carta que Marco Aurelio escreveu ao senado romano, na qual attribue a miraculosa chuva ás orações dos soldados christãos.

O facto, como vimos, é narrado por Dion Cassio, auctor pagão, e tambem o confessam Claudiano, Porphirio e outros historiadores do paganismo.

Nm monumento, que ainda hoje subsiste em Roma, attesta este acontecimento a todas as edades. Pôdo dizer-se que o erro vem em apoio da verdade.

(Continua.)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

As más leituras

A LEITURA, na secção illustrada do «Progresso Catholico» n.º 20, do commovente artigo epigraphado «Divagando pelo infinito», e relativo á gravura com o mesmo titulo inserta na primeira pagina, excitou-me o desejo de escrever algumas linhas sobre o importantissimo assumpto das más leituras, hoje infelizmente tão generalizadas. Fal-o-ei em occasião opportuna: agora fallará por mim uma illustre dama, a quem as lettras christãs devem em França assignalados serviços.

Nunca se repetirá de mais que os maus livros, as folhas periodicas anticatholicas ou indifferentistas, os jornaes de modas que encerram a mudo folhetins perigosos, são um dos maiores riscos para a fé e para os bons costumes.

Eis aqui um facto contado por M.º de Gentelles, que é de molde a fazer mais impressão sobre os corações christãos que todos os raciocinios:

« Devemos considerar má e nociva toda a obra que de perto ou de longe nos arrasta ao mal, aparta os nossos pensamentos do fim supremo da vida, e nos desvia do cumprimento dos nossos deveres. Assim como ha varias especies de obras boas e excellentes, assim tambem ha differentes generos de maus livros. »

Dirijo me aqui a jovens christãos, e creio não precisar de insistir sobre os perigos das leituras irreligiosas e sobre a sua culpabilidade.

Ah! poderá succeder que encontreis á mão, sobretudo em certas revistas periodicas infelizmente muito diffundi-

das, artigos que contenham ataques habilmente dissimulados aos nossos dogmas mais sagrados e consoladores, cuja forma elegante vos poderia acaso attrahir.

Oh! desconfiae, sêde extremamente severas a tal respeito; acreditae-me, nem sequer abraes essas publicações que devem ser-nos sempre suspeitas. Ha ali, occulto debaixo de flores, veneno mortal, veneno que às vezes mata instantaneamente e que deixa sempre em nós vestígios terríveis e indeleveis.

Um sacerdote eminente, hoje príncipe da Igreja, me contava um dia, fallando-me dos deploraveis effeitos d'estas especies de leitura, que, tendo percorrido por dever, para combatel-o, um artigo d'uma habilidade infernal contra um dos milagres mais averiguados relatados na vida d'um grande santo, havia sido tão fortemente impressionado por elle, que lhe tinham sido necessarios verdadeiros esforços e uma lucta energica contra si proprio, para conservar em toda a sua integridade e frescura a firme crença que antes alimentava. Por este facto fazei ideia do que deve succeder a meninas ou jovens senhoras que não fizeram estudo profundo da theologia.

Um dia estava eu junto d'uma pobre mãe que acabava de ser ferida de um modo mui cruel nos seus mais ternos affectos: seu filho unico, apenas de idade de tres annos, fôr-lhe arrebatado quasi subitamente por uma convulsão. Eu havia sido educada com ella, tinha a conhecido piedosa, e cria-a ainda com os mesmos sentimentos. Muitas vezes a encontrara depois na igreja.

Era isto tres dias depois da morte de seu filho; chegava eu d'uma longa viagem, e o meu primeiro pensamento foi ir visital-a. Encontrei-a só no seu quarto... não chorava, e o seu olhar era triste e frio. Ao ver-me, levantou-se.

—Perdi tudo,—me disse, apontando-me para o berço vazio de seu filho:—nada me resta, e não posso morrer.

—Resta sempre a esperança, minha pobre amiga.

—A esperança! em quem e em que?

—A esperança em Deus, em outra vida, onde tornarás a ver teu filho, teu filho hoje ditoso pois faz parte da multidão dos anjos.

—Calla-te ahí,—me disse ella.—Eu já não creio.

Não posso expressar a impressão que em mim produziram estas horribes palavras; mal podia erer o que ouvia. E' impossivel, dizia commigo: é um momento de aberração causada pela sua dor immensa.

Assentei-me ao pé d'ella, e forcejei por fazel a conversar acerca do querido entesinho que voara ao ceu. Fallei-lhe

da sua molestia tão fulminante, e obriguei-a, por assim dizer, a contar-me as particularidades d'ella.

—E agora,—lhe repeti,—depois de todos esses soffrimentos, elle é feliz.

Ella rompeu em soluços, e lançando-se-me nos braços.

—Feliz!... Quem o disse? Eu não o sei.

Deixando-se então arrastar a uma franqueza que recordava os dias da nossa juventude, me contou como é que perdera a fé.

Um dia, abriu um livro irreligioso, e lera machinalmente as primeiras paginas, e depois, pouco a pouco, se interessara com elle, e, sem dar por isso, accitara as suas doutrinas: d'esse dia em diante sentira extinguir-se-lhe a fé na alma.

O turbilhão da vida mundanissima que levava, impedira que comprehendesse immediatamente a extensão da sua desventura; mas em face do esquite de seu filho, achara-se assobriada pela dor, sem força alguma para accitá-la e supportal-a.

Pobre Clara, como eu a lastimava do intimo da alma! Agarrava-me a ella com uma especie de obstinação, queria arrancal-a ao nosso inimigo commum e restituil-a a Deus. Tornei-a a ver muitas vezes; os meus esforços por si sós nada teriam podido, mas fiz orar muito por ella, e pedi ao ecclesiastico que nos ministrara a nossa primeira communhão, que procurasse algum pretexto para ir visital-a. Deu-me para ella excellentes obras de controversia proprias para esclarecel-a, e pouco a pouco voltou a luz á sua alma.

Quando allim soube de novo olhar para o ceu e procurar lá seu filho, disse-me com uma expressão e um accento que me hão de estar sempre gravados na memoria.

—Minha querida amiga, para se comprehender o valor da fé, é necessario recuperar a depois de a haver perdido.

Mas, ah! quantos a perdem e não a recuperam!

Poderíamos citar muitos exemplos a este respeito. Ha grande numero de jovens que, depois de terem dado as mais bellas esperanças sob o ponto de vista religioso, cahem de repente na duvida e até na incredulidade, porque desprezaram com suas leituras os conselhos da prudencia, pois como diz a Escriptura Sagrada:

«Aquelle que ama o perigo perecerá n'elle».

Desconfiae igualmente dos livros que, sem terem um caracter tão accentuado, não são escriptos por catholicos. Podem ser Moraes, mas hem se conhece ao tel-os que distillam um veneno lento e occulto, e, confessemol-o, mais vale

privar-se a gente d'um pequeno goso intellectual, que expor-se a um damno por ventura irreparavel».

Perfeitamente d'accordo com M.^{ms} de Gentelles, desejaria que as suas tocantes palavras callassem em muitos corações, bons por indole, mas transviados por descuido proprio ou má direcção alheia.

Fallou-se no artigo do «Progresso Catholico» dos «Esplendores da Fé» do grande sabio Moigno: para mim, é uma dos obras contemporaneas mais importantes e profundas, e firmemente creio que, se fosse mais lida e meditada, não veriamos por ahí tanta sciencia falsa e balofa, que não é afinal senão ignorancia crassa e presumçosa, ou aberração deploravel produzida pelas más leituras.

A. Moreira Bello.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a rasão

V

Jesus Christo

(Continuado do n.º antecedente)

DANIEL demonstrou um maravilhoso espirito propheticos nos seus admiraveis vaticinios acerca dos acontecimentos politicos que ameaçavam transtornar a terra.

Prognosticara o grande poder que haviam de adquirir quatro nações fortes e soberbas, imperios que ir se iam destruindo successivamente: e os Chaldeus, vencidos pelos Persas, e os Gregos, vencedores d'estes e submettidos finalmente aos Romanos, que do mesmo modo succumbiram, demonstram a verdade e a exactidão do vaticinio.

Prophetisou igualmente as desgraças de Israel debaixo da oppressora dominação d'aquelles povos, fixando o numero de annos que haviam de passar antes da vinda do Messias, da ruina de Jerusalem e da dispersão dos Hebreus pelo mundo.

«Setenta semanas foram abreviadas a respeito do teu povo, e a respeito da tua santa cidade, afim de que a prevaricação se consumma, e o peccado tenha o seu fim, e a iniquidade se apague, e a justiça eterna seja trazida, e as visões e prophecias se cumpram, e o Santo dos Santos se unja...»

Sabe pois isto, e adverte-o bem: Desde a saída da palavra, para Jerusalem ser segunda vez edificada, até o Christo Capitão, passarão sete semanas, e sessenta e duas semanas: e segunda vez

serão edificadas as ruas e os muros na angustia dos tempos...

E depois de sessenta e duas semanas será morto o Christo: e o povo que o ha de negar, não será mais seu povo... E um povo com o seu capitão, que ha de vir, destruirá a cidade, e o Sanctuario: e o seu fim será a ruina total, e a desolação a que ella foi condemnada lhe virá depois do fim da guerra...

Esse Christo, porém, confirmará para muitos o seu pacto n'uma semana: e no meio da semana faltará a hostia e o sacrificio: e ver-se-ha no templo a abominação da desolação: e a desolação perseverará até á consummação e até o fim (1).»

E ao cumprir-se o prazo veio Jesus Christo ao mundo, e depois da sua injusta e cruel morte apresentou-se o caudilho romano que destruiu a cidade e arrasou o templo acabando para sempre com a nacionalidade hebraica: realison se pontualmente a desolação decretada que ha de durar até o fim do mundo.

Examine e confronte a critica severa a historia do nosso Salvador com as circumstancias que tão admiraveis prophcias determinam, e da comparação feita imparcialmente ver-se ha demonstrada sem sombra de duvida a divindade de Jesus Christo, que appareceu entre os mortaes para cumprir o mysterio augusto da redempção: e se quizerem maiores provas, observem as desgraças d'esse povo disperso e errante pelo mundo, que sem patria, nem lei, nem templo, soffre dezenove seculos de ultrajes e de affronta em justo castigo de seu crime.

Não escutaram a eloquente voz de Jeremias, nem as lamentações d'este propheta lograram abrandar tão duros corações.

«Isto diz o Senhor a este povo, que gostou de mover seus pés, e não repousou, nem agradou ao Senhor.

Agora se lembrará das maldades d'elles, e visitará os seus peccados... E me disse o Senhor:

Não me peças que eu perdoe a este povo...

Quando elles jejuarem, eu não escutarei as suas rogativas, e se elles me offerecerem holocaustos e victimas, eu os não acceptarei, porque os consumirei com a espada, com a fome e com a peste (2)...

E eu enviarei sobre elles quatro especies de castigo, diz o Senhor: a espada para os matar, e os cães para os despedaçarem, e as aves do ceu e as alimarias da terra para os devorarem e fazorem em pedaços... E eu os entregarei ao furor de todos os reinos da ter-

ra... E espalhar os-hei com a pá nas portas da terra: matei e destrui o meu povo, e ainda assim não se tem deixado dos seus caminhos (3).»

E conforme o propheta o vaticinara, foram os judeus dispersos, como a debil palha que a pá arroja ao ar.

Extinguiram-se antigas nações da terra deixando appoz si debeis e incompletas recordações do seu poderio: jazem desmoronadas as muralhas, os templos e palacios de Babylonia, Ninive e Sidon: desapareceram os Assyrios, os Chaldeus e os Phenicios: Grecia contempla tristemente as ruinas do seu antigo esplendor, mudas e eloquentes recordações da sua passada gloria; e os Romanos foram absorvidos por nações fortes e aguerridas: mas o povo Hebreu conserva-se sem patria, sem idioma nem costumes nacionaes, para attestar a missão divina de Jesus Christo.

Não é, pois, providencial a existencia d'aquelle povo entre todas as nações da terra, com as quaes não tem podido misturar-se em tantos annos?

Grande é a obcecção e falta de senso dos que n'este só facto não conhecem os profundos designios da Sabedoria eterna.

Nas obras de Tacito, Josepho e Suetonio refere-se a crença, geralmente admittida n'aquelle tempo, de que era Herodes o Messias promettido, até que os vicios e crimes do principio desvaneceram a illusão dos Judeus.

Dizem-nos da mesma forma aquelles auctores que admirando muitas pessoas a vida austera do Baptista e as suas admoestações fervorosas, lhe foram perguntar se era elle o Redemptor (4), successo historico que prova, sem a menor duvida, que os Judeus estavam persuadidos de ter chegado o cumprimento das prophcias referentes á redempção.

Entretanto os seus costumes perversos, assim como as controversias doutrinaes e o descaimento da sua importancia politica, motivaram o conceito equivoco que tinham formado do Messias, cuja gloria entendiam devia consistir em livral-os dos seus oppressores e em dominar as nações todas da terra. Foram estas as causas, ainda que não justificadas, para desconhecêrem a missão de Jesus Christo aquelles que sonhavam com o poderio e as riquezas.

Não duvidavam da authenticidade dos prophetas, cujos livros conservavam religiosamente; mas interpretaram-nos segundo os seus desejos mundanos e uma razão desvaizada pelos costumes corrompidos.

Não podendo tão pouco concordar

na intelligencia da lei, os seus doutores chegaram a crear escholas diferentes.

Os *Phariseus* hypocritas eram observadores de exterioridades vãs, com o fim de conservarem o seu credito ante o vulto allucinado; interpretavam falsamente a Escriptura, e torcendo o sentido verdadeiro, prendiam-se mais á letra que ao espirito: a estes doutores uniram-se os *Escribas*.

Os *Saduceus* negavam a resurreição da carne e a vida futura, e não sabendo que seria feito das almas depois do morto o corpo, adoptaram o dogma egypcio da transmigração.

Os *Essenios* impugnavam o livre arbitrio, e suppondo o homem ligado por um destino inexoravel, destruíam o valor moral das acções.

Eram poucos os judeus fieis á lei mosaica, porque abandonada a instrucção do povo, tinham adoptado interpretações e crenças que a ignorancia chegou a desfigurar.

E sem embargo, a moral christã realison conquistas numerosas e brilhantes até na classe mais nobre e illustrada; pois José, Gamaliel e Nicodemus receberam o baptismo, conhecendo a evidente conformidade das sanctas prophcias com a vida e prodigios de Jesus; e quando comprehenderam a moral pura do seu ensino, não lhes foi possivel resistirem a demonstração tão clara e evidente.

Jesus Christo appareceu na epoca prescripta; nasceu em Belem como annunciou Micheas; foi adorado pelos Magos, e soffrendo ignominiosa morte cumpriram-se os prognosticos de David e de Isaias: Zacharias predisse a triumphal entrada em Jerusalem; foram vaticinados os seus milagres e as trinta moedas que Judas recebeu, a repartição das suas roupas, o sorteo da sua tunica, o martyrio da cruz, e a resurreição gloriosa do seu corpo.

Como, pois, em vista de tão exacta conformidade entre as prophcias e a vida de Jesus, o povo não se converteu todo á nova religião?...

Deixaram-se persuadir de que eram effeito da magia os milagres operados á sua vista, e actos phantasticos a resurreição, as aparições e a Ascensão de Jesus Christo; as tres seitas de doutores interpretavam os prophetas como convinha á doutrina que professavam, e a desmoralisação de costumes era espantosa e geral.

Josepho refere com exactidão o abandono d'aquella nação desventurada.

«Não tenho inconveniente em dizer cousas que a minha dôr não pôde occultar. Eu penso que se Roma tivesse enviado mais tarde as suas tropas contra esta gente tão impia, a terra teria tragado a cidade, outro diluvio novo tel-a-ia submergido, ou o fogo que

(3) Id., cap. XV, v. 3, 4 e 7.

(4) Tacito, *Hist.*, liv. V, cap. XXIII—Josepho, *Antiq.*—Suetonio, *Vit.*, 1.º cap.

(1) Daniel, cap. IX, v. 21 e seguintes.

(2) Jerem., cap. XIV, v. 10, 11 e 12.

outr'ora abrasou Sodoma, a terra reduzida a cinzas, porque abrigou homens mais corrompidos e inimigos de Deus que aquelles sobre os quaes vieram os antigos desastres (5).

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

SECÇÃO HISTORICA

O convento de Sá em Aveiro

(Continuado do numero 19.)

IV

A OUTRA frente d'este edificio ainda não foi demolida. Fica voltada para Aveiro e no pateo ou *terreiro*, onde está a egreja, formando, com a frontaria d'esta, (que tambem ainda não foi demolida), um perfeito angulo recto. Tem seis janellas, symmetricamente dispostas, sob cada uma das quaes ha uma porta, que dava entrada para cada um dos *beatorios* ou *grades*.

Ao centro d'essas portas e janellas, fica a *portaria* de entrada para a *casa da roda*. Tem por cima um nicho, com a imagem do S. Francisco de Assis, patriarcha da Ordem a que este convento pertencia. Na verga da portaria lê-se:

1396

Esta data é, talvez, a do anno, em que foi começado ou concluido o edificio, em substituição do primitivo.

Um muro paralelo a esta frente e um outro, paralelo á egreja, fecham o *terreiro*, que é em forma de um quadrado, quasi perfeito. Este segundo muro ficava no prolongamento da porta principal do edificio já demolida e rente á estrada de Aveiro a Esgueira. Ao centro e defronte da porta da egreja está a portaria, que dá entrada para o *terreiro*.

Symetrisando com esta portaria, havia outra ao nascente e á esquerda da frente principal do edificio. Sobre ella havia um nicho com a imagem de S. João Baptista. Communisava com um grande pateo e este com a *cerca*. Por ali entravam os carros com lenhas e outros objecto de uso domestico.

V

Na *casa da roda*, está a porta, que dava entrada para o interior do edificio. Sobre esta porta lia-se:

*Collocavit ante paradisum voluptatis
Cherubim; et flammam gladii ad
custodientium viam.*

Genes. Cap. 3, v.º 24

(2) *De bello jud.*, cap. VII.

Na parte do tecto, que ficava sobre este letreiro, estava pintado um cherubim, com uma espada de fogo na mão direita.

A direita d'esta porta, estava a *roda*, como costuma haver geralmente, em todos os conventos do sexo feminino. A esquerda havia um *raro*, como nos mesmos conventos tambem costuma haver. Sobre este *raro* estava pintada uma caveira com esta legenda:

*INSPICE UT VIVAS. FUGE NE
MORIERIS*

No centro do tecto d'esta casa estava pintada a figura do silencio, com este letreiro:

*FACTI MEST SILENTIUM IN Caelo,
Apocal. Cap. 8 n.º I*

Outras pinturas e disticos havia na casa da *roda*, algumas das quaes, creio, que eram tiradas das *illustrações* ou gravuras da Imitação de Christo ou da vida de S. Francisco de Assis.

O tempo e a falta de vigilancia tinham, d'ha muito, tornado tudo isso quasi ininteligivel.

Sobre a portaria, de que já fallei, e, no interior da casa da roda, lia-se:

ANNO DE 1732

Julgo ser a data, em que foi pintada a *casa da roda*.

Defronte da portaria, que dava entrada para o *terreiro*, onde, por enquanto, está a Egreja ficava a casa chamada *Hospetaria*. Ali residiam os clerigos, que se empregavam nos trabalhos, temporaes e espirituaes, d'este convento, e que eram tres da Ordem Franciscana, até á lei d'extincção das Ordens religiosas. A mesma casa tambem era destinada para receber hospedes.

A *Hospetaria de Sá* está hoje convertida em palacete do Prelado da Diocese de Coimbra.

VI

Do interior do convento de Sá pouquissimo saberei dizer, alem do que já disse. Quando ali entrei pela ultima vez, estava eu ainda n'uma edade, em que pouco me poderiam interessar a historia e a descrição d'esta casa. Foi isso, ha bastantes annos. No entanto, ajudado pela memoria e por informações de pessoas competentes, direi, a tal respeito o que puder.

Este convento parecia, que nunca chegára a ser concluido e que se o fóra, deveria formar, a fóra a Egreja), um *quadrilongo* perfeito. Apenas foram concluidos *dois lados* e parte do *terreiro*.

Ao longo do *lado* ou *face* que ficava juncto á rua, que segue para a estrada de Esgueira, e no qual, com já disse, se viam 15 janellas, havia um largo corredor e o melhor dormitorio do convento. Era esta, tambem, a parte principal do edificio e a que se achava em melhor estado de conservação. Aquelle corredor terminava na parte do edificio, que ficava para o Nascente, e ali havia uma grande sala, a que se dava o nome de *mirante de Esgueira*, —porque, das suas janellas se avistava aquella povoação.

Debaixo d'este corredor e dormitorio, havia as lojas, onde se recolhiam os diversos objectos, proprios dos gastos domesticos. Essas lojas eram alumiaadas por 15 frestas, correspondentes ás 15 janellas do corredor. Este para o Poente, communicava com a parte do edificio, que fica voltada para Aveiro e que formava um dos *lados menores do quadrilongo*.

Esta parte do edificio communicava com a sala do *ante-córo*, e esta com o *córo-de-cima*.

Entrando-se no edificio pela *casa da roda*, dava-se com uma sala abobadada, semelhante á da mesma *casa da roda*, e cujo tecto era, como esta pintado a *fresco*, tendo no centro as armas da Ordem franciscana. Aqui costumava estar a *cadeira*, encarregada de receber e comunicar os recados das pessoas, que tinham de fallar com alguma das habitadoras d'aquella casa. Uma porta communicava para o *claustro*. Este communicava com o *córo-de-baixo* e com alguns dos *beatorios* ou *grades*.

Na sala, de que já fallei, havia uma larga escada de pedra, por onde se subia para a parte principal do edificio. Por outra escada igual se subia do claustro para a parte do edificio, que fica voltada para Aveiro.

O *lado* incompleto do *quadrilongo* d'este edificio corria por de traz da egreja, na direcção d'Aveiro a Esgueira e, portanto, paralelo á frente principal, já descrita. Era occupado por os *córos*, alguns dormitorios, refeitório e cozinhas. Nestes dormitorios havia algumas divisões de madeira, mostrando ainda, que esta obra nunca fóra concluida totalmente.

No entanto, a parte do edificio, que estava completa, era de construcção muito regular e tão solida, que não foi muito facil a sua demolição.

O *claustro* era ajardinado e tinha no centro um poço. Simples columnas de forma cylindrica sustentavam os tectos e a parte do edificio, que ficava sobre os corredores do mesmo claustro, que era em forma de um quadrado perfeito.

Na noite de 11 para 12 de janeiro de 1882 ardeu uma grande parte, ao Nascente, d'este edificio. O resto, por

rem que d'elle ficára, era sufficiente para viverem as pessoas ali recolhidas.

(Continua).

Rangele de Quatros.

SECÇÃO CRITICA

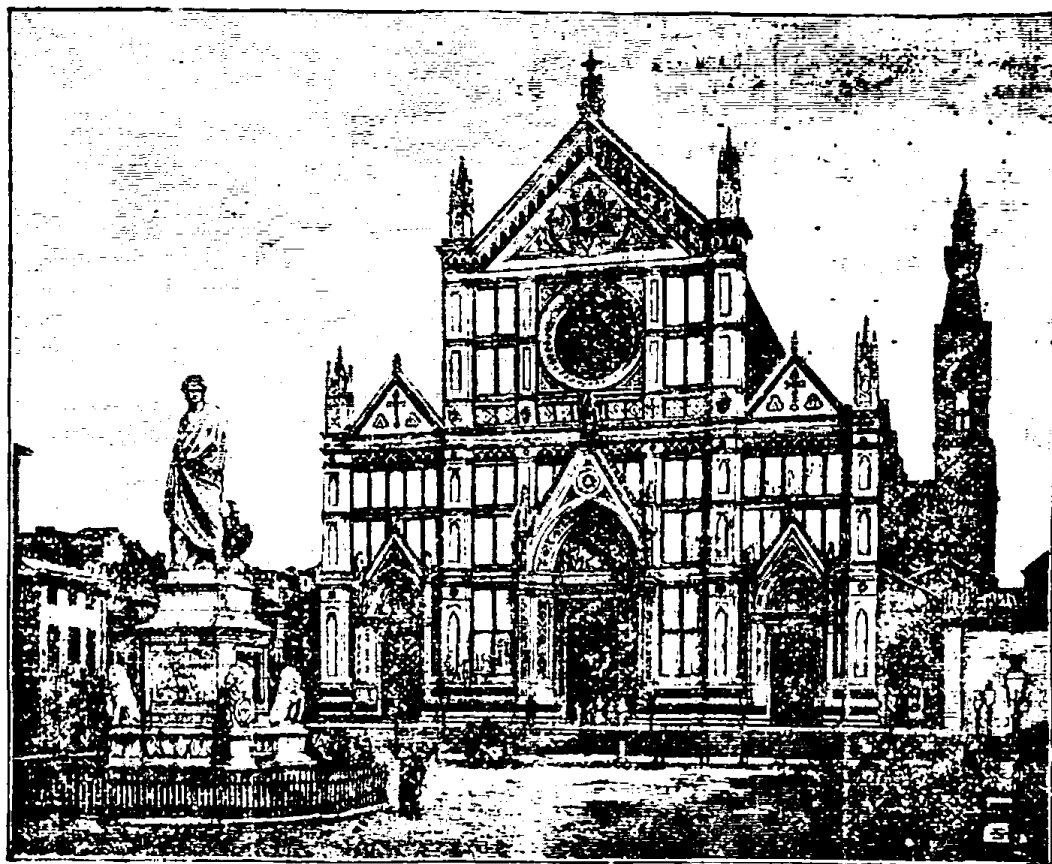
Carceres

Le carceri nostre giudiziarie sono le scuole secondarie della corruzione—os nossos carceres judiçarios são as escolas secundarias da corrupção» disse o

ção á Europa no cumulo da civilização moderna» disse um *justo critico*, que vive além-Alpes. Mas cuidar seriamente da reforma dos Carceres, e de evitar a entrada n'estes pela verdadeira moralisação, consequencia da observancia dos Preceitos Divinos e da Santa Igreja Catholica Apostolica Romana, este unico verdadeiro remedio moralizador não será *receitado* no tal Congresso, nem este permitirá que d'elle se faça menção.

No entretanto e como consequencia da perseguição feita pela Revolução aos Principios Catholicos é certo que no *reino de Italia* os ho-

mícidios, *n. gr.*, são tantos que tem a 40,000! numero maior do que o dos habitantes de alguns dos Estados da Europa; e como resulte de de tamanha cifra uma inconvenientissima agglomeração, seguem-se os gravissimos inconvenientes, que fizeram dizer ao Deputado *italiano*, *Di Rudini*, o que reproduzimos no principio de este artigo, e aqui repetimos; «*Le carceri nostre sono le secuole secondarie della corruzione.*» Não é calculo incerto, é uma certa que os carceres são mui poucos mui-to restrictos para os introentes desde que a *Maçonaria Revolução* invadiu e destruiu os *Conventos*. Um outro



BASILICA DE SANTACRUZ, Em Florença.

Deputado *Di Rudini* na camara electiva *italiana* em sessão de 11 de fevereiro de 1879, e pôde continuar a dizel-o *hoje*. Prepara-se em *Roma* para o proximo outomno um congresso antropologico-criminal, em que se gastarão muitas palavras, mas de onde não ha a esperar muito remedio, se algum, para o mal de que se occupou o Deputado *Di Rudini*.

Com grande apparatus se falla do tal Congresso, mas do qual só ha esperar que se tracte de achar o melhor modo possivel de punir, interdír, prender e encarcerar.

«E eis o mais importante e urgente que se tem a fazer com rela-

ção á prevalencia, e já ha annos assim o declarava a *Gazzetta Ufficiale del Regno d'Italia*, e agora o declarará com augmento de argumentos. Pelos dados estatísticos na Italia, de que está de posse a Revolução, havia em 1879 um condemnado por 8135 habitantes: quando na Inglaterra, por ex., era um por 132,791: em 1885 aquelle quadro deve ser mais atterrador por isso que os crimes têm augmentado; «este augmento é geral como geral é a influencia da civilização anti-Christã» *desgraçadamente!*»

Agora a população média ou a cifra média dos encarcerados nos carceres do *reino de Italia* e de 30

deputado *italiano*, o sr. *Tufano*, dizia, já em 1860, que a cifra de augmento nos carceres, annualmente, era de cerca 2,000: quer dizer, subia assim o *acrescimento* sobre 71,000 encarcerados, ao passo que n'aquelle anno em França, trabalhada tambem pela Revolução, com muito maior numero de habitantes, não excedia 50,000. Na criminalidade a regeneração da Italia pelos maçonico-revolucionarios leva a palma; pois ainda assim estes não julgam a Italia de todo regenerada á sua moda. E para que se veja como em tantas prisões estejam tanto amontoados os presos, que augmentam sempre, basta repetir o que disse

Cantelli, quando em 1860 attestou ter visto 5 ou 6 encarcerados n'um quarto que devia apenas conter 1; e era então *Ministro dell'interno*, i. é. do Reino; em 1885 os 5 ou os 6 estarão em 10 ou 12, e o 1 ainda mais *acompanhado* no local julgado sufficientemente só para elle!

Seja qual for o jaez dos do annuciado *Congresso antropológico-criminal* e por muito que sejam do *Modernismo* ficarão estupefactos quando lerem nos quadros *estatico-financeiros* dos *carceres italianos*, officialmente publicados pelo Deputado *signor De Rencil*, o que custa a *segurança publica* no *reino de Italia* 14 annos depois da *brecha da Porta Pia* ou *invasão de Roma*, *segurança* que aliás ninguem quereria *segurar*: vejamos:

«Segurança publica, serviço secreto....	
L.º ou Frances.	1,050,000,00
Segurança publica, pessoal, local, etc..	11,543,628.25
Manutenção dos presos, carceres, etc...	32,414,677 75
	45,008,306,00

A' vista de estes algarismos diz um escriptor *assim*—«Sono adunque più di 45 milioni che, dopo la breccia di Porta Pia, costano all'Italia e ladri, gli assassini ed ogni maniera di delinquenti.» E segundo o proprio *Marco Minghetti*, que por tempo tem tomado parte no *Ministerio Italiano* «toda aquella magna mas desgraçada turba terá uma cauda de sempre novos delictos e novos delinquentes.» Para todos é conveniente, quando mesmo não houvera outros argumentos, quanto é funestissima a situação em que a *Maçonaria-Revolução* tem posta a *Peninsula Italica*; é de convencer só por si o que deixamos exposto n'estas linhas; e se a *seita* é de aquelle modo *secunda* para lá dos Alpes, não é *infecunda* aquem e n'outras regiões; e levaria tudo de vencida se podera vencer a *Egreja de Deus!*

Os triumphos *Sciterios* serão anniquillados pelo *Triumpho* immoreddoro da *Religião de Christo Divino* no *quando* determinado *ab aeterno*: e então o *Soberano-Pontífice* entoará o *Te-Deum* tendo ajoelhados a *Seus Pês* os homens de todas as linguas em pessoa ou em espirito, sim os homens firmes e os *convertidos*; que *Espectaculo* se prepara!

Dom Antonio d'Almeida.

Alguns pensamentos de D. Fr. Caetano Brandão

Ano ouvir pronunciar o nome de D. Fr. Caetano Brandão, todos se descobrem, todos prestam a devida homenagem ao venerando Prelado que, no tempo em que apascentou o rebanho da vasta diocese do Pará e da de Braga (1), eternisou a sua memoria pelo desenvolvimento que deu ás sciencias, artes e industria, pelos alevantados e muitos serviços que prestou à *Egreja* e ao estado, pelo modo affavel com que a todos tratava, pela recta observancia de seus deveres, como pontífice e como cidadão, pela pureza de seus costumes, pela abnegação com que, na altura da sua dignidade, guardou fielmente o voto de pobreza consumindo suas avultadas rendas na fundação de institutos de beneficencia e no exercicio da caridade, tal como a ensinou o *Divino Mestre*, pela «discrição e escrupulo com que manteve illesos os direitos da *Egreja* sem faltar ao respeito e submissão devida ao throno», pela pratica, emfim, «de todas as virtudes de que foi um admiravel complexo e verdadeiro modelo».

O «*Progresso Catholico*» já apresentou aos leitores a biographia e o retrato de tão preclaro *Antistite* (2).

Agora vamos nós aqui tambem offerter aos mesmos leitores alguns pensamentos do inclito Prelado: são extrahidos de varias cartas particulares que elle escreveu, e que se lêem nas «*Memorias para a Historia da Vida do Veneravel Arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão*».

A virtude da castidade é o throno de ouro do *Divino Salomão*;.... é a flor verdadeiramente cercada de espinhos, que enche o céu e a terra com sua fragrancia.

Sêde humilde e paciente, não querendo jámais outra cousa senão que se faça a vontade divina: fira de qualquer modo que for, é *Pae*, deve castigar os filhinhos que erram: e nós devemos abaixar humildemente a cabeça, accitando o castigo com muito amor, e rogando-lhe ainda mais que corte e arranque agora o que lhe parecer, com tanto que perdoe na eternidade.

(Continúa.)

P.º Joaquim José Soares.

(1) D. Fr. Caetano Brandão foi cinco annos Bispo do Pará, e quatorze Arcebispo de Braga.

(2) Veja-se a pag. 37 e 43 do VOLUME.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

D. Francisco d'Almeida, primeiro Vice-Rei da India

Ao estacellar da patria e ao ver a incompetencia dos homens que formam o conselho dos nossos reis, é grato olhar o passado, relembra os feitos brilhantes d'esta nação, e apontar, com enthusiasmo de catholico e portuguez, para essas figuras venerandas, que encheram com seu nome a epoca em que viveram, que illustraram, com a narração de suas façanhas, as paginas da historia, e que são ainda hoje, passados seculos, as columnas fortissimas que sustentam o nome do Portugal na Carta geographica das nações.

Sim; na epoca em que as grandes conquistas dos governadores d'esta nação, consistem em ruinosos emprestimos, que fazem do velho guerreiro chamado Portugal um fidalgo arruinado, e acurvado vergonhosamente ao peso de dividas que não poderá pagar, senão com a infamia que caracteriza o commerciante fraudulentamente fallido; n'esta epoca, dizemos, é bom que, para consolação das almas grandes e nobres, que choram, á sombra de tantos louros, as desgraças da Patria, se rememorem os feitos gigantes d'esses varões illustres, que, por mandado do seu rei iam, atravez dos mares, cravar a Cruz, ensinar a doutrina de Christo, e fundar, á sombra do estandarte de Ourique e Aljubarrota, novas provincias do reino luzitano.

E' bom, repetimos, é necessario, quando os homens de Estado arrastam pelas barbas a veneranda figura de Portugal para as bordas do abysmo onde desaparecem as nacionalidades e a liberdade dos povos, apontar reverentes para esses gigantes do passado, para esses portuguezos de rija tempera, que prestaram seus ferreos peitos ao monarcha portuguez, para d'elles fazer muralhas que oppor aos inimigos da Patria.

E' necessario, repetimos, quando os conselheiros da corôa se escolhem na caserna, nas redacções de jornaes das ruas, e que d'ahi sahem tambem os servidores da patria, se aponte para esses fidalgos de nobilissimo sangue, que deppunham os seus brazões e corôas nobiliarchicas para irem, como soldados da Patria, subditos dos Reis e apóstolos da Religião, conquistar titulos de gloria para si, dilatar os domínios da Patria e do Rei, ensinar

a povos barbaros a religião santissima de Jesus.

E é ainda uma necessidade, quando os homens da governança se ornamentam com o aventar do pedreiro-livre, descobrir a admiração publica os nomes do antigo Portugal, que ostentavam no peito a Cruz, e que a mandavam bordar em suas bandeiras, em suas vestiduras, e que a gravavam na lamina de suas espadas valentes.

Vamos, pois, com a publicação por meio da gravura, de varios retratos dos nossos homens grandes do passado, render devido preito a esses heroes, a esses soldados da fé, que se ajoelhavam diante dos altares sagrados, para implorar a protecção divina para os feitos que empreendiam, e que tudo obravam para honra e gloria da Egreja.

D. Francisco d'Almeida, primeiro Vice-Rei da India, ornamenta a primeira pagina do presente n.º do «Progresso Catholico», e no proximo n.º traçaremos, ainda que rapidamente, a biographia d'esse portuguez illustre, que se envergonharia de ver um ministro da marinha portugueza sem cranças, insultando a cruz, que elle cravára tão longo da Patria.

II

Basilica de Santa Cruz em Florença

Segundo o plano do grande architecto *Arnolf del Cambio*, principiou a construir-se em Florença, pelos annos de 1295, a magnifica Basilica, que a nossa gravura representa, e terminou a 1442, sendo sagrada pelo Cardeal Bessarion, com a assistencia de Sua Santidade o Papa Eugenio IV.

O interior é em fórma de cruz e a soberba abobada é sustentada por esbeltas columns, e são tantos os sarcofagos que alli se levantam, que bem se pôde chamar a este templo o pantheon da Italia moderna.

Os marmores abundam por toda a parte, e os frescos de *Giotto*, dão-lhe um aspecto formosissimo, admi-rando-se tambem o pulpito, de marmore, com ricos relevos e figuras al- legoricas.

E' obra de *Benedetto de Majano*.

São tambem dignos de menção os claustros, onde ha capellas de formosa architectura.

Tem esta Basilica 498 pés de comprido, e levanta se n'um dos mais bellos sitios da cidade.

R.

SECÇÃO LITTERARIA

A' memoria d'um filhinho de meus parentes e amigos J. E. A. B. e D. M. das D. F. V.

Em botão ainda eras linda rosa, virente, viciosa, mimosa, fragrante; teu doce perfume n'alma m'entornava venturas, e dava prazer del rante.

Mas hoje? cortada por fouce tyranna de Parca inhumana, teu brilho perdeste; quebrou se-te a haste, murchaste, secaste, em pó te tornaste, coitada! morreste.

Que importa se tua belleza perdeste na terra, e deste com isso pesar? se ora revivendo, com o brilho teu a côrte do Ceo tu 'oste adornar?

Ahi com teu cheiro suave delectas os anjos; enfeitas com o teu matiz o throno de Deus, O qual quiz tirar-te da terra, e dar-te vida mais feliz.

Lá n'esse celeste jardim replantada, onde desfolhada tu nunca serás em meu favor subam ao throno de Deus, os perfumes teus, em qu'Elle se compraz.

Por todos nós pede, que bem precisamos; por ti esperamos de Deus todo o bem; faz que depois d'esta vida d'azar, nós vamos gosar tua dita tambem.

Chaves, 25 de julho de 1885.

M.

SECÇÃO NECROLOGICA



Finaram-se ha tempos em Leomil um amigo e assignante do «Progresso Catholico», a quem esta publicação deveu bastantes serviços.

O Exc.^{mo} Sr. Manoel Ribeiro, que desde o principio fôra assignante da nossa Revista, já não existe; mas sua alma gosará de certo a bemaventurança, e para isso peçamos por ella ao Senhor das misericordias, para que a luz eterna lhe resplandeça.

Não existe tambem o Rev.^m Reitor, Manoel Antonio Gonçalves, de Castro Laboreiro, que por annos fôra assignante do «Progresso Catholico».

E' mais um nome riscado da lista dos nossos amigos, e mais uma alma, que junto do Eterno pedirá por nós.

Offertemos-lho todas as nossas orações.

Depois que abrimos esta secção temos recebido mil applausos dos nossos leitores, afirmando-nos todos que sempre satisfazem ao nosso pedido, e rogam-nos que não só pelos assignantes fallecidos, mas tambem pelos seus parentes imploremos as orações costumadas. Assim o faremos.

Negros crepes enlutam uma familia que nos merece respeitosa estima, e uma pessoa a quem nos ligam os laços da mais intima amizade.

Acaba de fallecer o Exc.^{mo} Sr. Joaquim Manuel Caldeira, tio da nossa boa amiga, e fervorosissima catholica a Exc.^{ma} Sr.^a D. Anna Ritta do Jesus Caldeira Carvalho, de Estremoz, a quem o «Progresso Catholico», a Religião Santissima de Jesus, e os povos seus conterraneos muito devem.

Juntamos nossas lagrimas ás da nossa excellente amiga e de joelhos associamos as nossas ás suas preces pela alma do finado, e pedimos a todos os nossos amigos nos acompanhem na mesma prece

A' Exc.^{ma} Sr.^a D. Anna Caldeira, e a toda a sua illustre familia, enviamos sentidos pesames.

Está de luto tambem o nosso bom amigo e sollicito correspondente em Pernambuco, Brazil, o muito Revd.^o Sr. Padre José Affonso de Lima e Sá, pelo fallecimento d'um seu irmão, Thomaz de Lima e Sá, desditoso joven a quem uma broncho-pneumonia arrebatára dos braços da familia.

Sentimos do fundo d'alma o golpe que tão fundo ferira o coração do nosso amigo, e regosijamo-nos ao mesmo tempo por saber que o fallecido recebera todos os sacramentos da Egreja, depois de haver supportado com resignação evangelica a pertinaz molestia de que fôra victima. E este facto tambem deve ser de consolação para a familia que ora pranteia a perda d'um ente querido, porisso que é uma familia verdadeiramente catholica.

Imploramos de todos os leitores do «Progresso Catholico», uma prece pela alma do finado, irmão de um dos mais dedicados amigos da nossa Revista, a quem damos, bem como a toda a illustre familia os mais sinceros e sentidissimos pesames.

Communica-nos um nosso amigo a morte do Ill.^{mo} Sr. Felix Alves da Cruz, pae do Rev.^{mo} Sr. Padre Luiz Alves da Cruz, da freguezia de

Milagres, em Monsão. Fallecera depois de receber os Sacramentos da Igreja, tendo officio de corpo presente com assistencia de 50 sacerdotes.

Contava 84 annos, e ha mais de 15 que perdera a vista.

Fora official de milicias dos Arcos e combatera nas fileiras da legitimidade desde os annos de 1830 a 1833.

Morreu mais um d'esses homens que ha cincoenta annos esperam o triumpho da sua causa, e todos vão morrendo vendo cada dia triumphar mais a Revolução e abater com seus desmandos a cerviz do velho guerreiro de Val de-Vez e Atoleiros.

Deus dê á alma do finado a Patria co'este; onde só ha felicidade, e resignação a seu desconsolado filho, a quem enviamos a expressão do nosso pesar.

E do joelhos, nós e todos os nossos leitores, enviamos ao Altissimo uma prece.

Finara-se tambem ha pouco em Braga o Exc.^{mo} Sr. Antonio Placido de Lima Brandão, na idade das esperanças, pois contava apenas 19 annos.

Era filho do Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Brandão Pereira, assignante do «Progresso Catholico» ha muitos annos, e portanto amigo da nossa Revista, não podendo porisso deixarmos de tomar parte na dor que tanto devera opprimir-lhe o coração de pae, e enviando-lhe por este meio a expressão do nosso profundo pesar, pedimos aos nossos leitores as preces costumadas pela alma do fallecido, que a ellas tem direito, porque vivia n'uma casa onde tem franca entrada a nossa humilde publicação.

Oremos pela alma de Antonio Placido de Lima Brandão.

RETROSPECTO DA QUINZENA

NESTA quinzena tivemos muitas visitas, graças a Deus, mencionemol-as:

O Exc.^{mo} Sr. Rangel de Quadros, collaborador da nossa Revista, que não conheciamos pessoalmente, e que, estando em Vizella nos fez a honra da sua visita.

O Rev.^{mo} Sr. Frei, Joaquim Rego, de Villa Nova da Cerveira, reliquia do passado, um dos membros d'essa grande familia franciscana, que a *liberdade* extinguiu no nosso paiz. S. Rev.^{mo} veio a esta cidade confessar as religiosas Capuchinhas, e assignante e amigo

do *Progresso Catholico* não se esqueceu de nós.

O Rev.^{mo} Sr. P.^o Manoel Joaquim Pereira de Carvalho, sobrinho do anterior, que o acompanhara na sua vinda a Guimarães, natural de Vianna do Castello, e de ha muito leitor da nossa Revista.

O Rev.^{mo} Sr. P.^o Silvino José de Sousa e Costa nosso antigo amigo de Villa Pouca d'Aguiar, hoje capellão do regimento 19 de infantaria. Tem sido em Villa Pouca correspondente do *Progresso Catholico* e muitos e bons serviços lhe tem prestado. Ia de passagem para a Povoia de Varzim.

O Rev.^{mo} Sr. P.^o Luiz Gomes da Silva, illustrado sacerdote de Braga, e de ha muito amigo nosso e da nossa Revista.

A intenção geral do mez de setembro para os associados do Apostolado da Oração, e que deve ser tambem para todos os catholicos será—**O Clero parochial.**

Muito devemos todos os filhos da Santa Igreja rogar a Deus nosso Senhor pelo clero parochial, porque é d'essa classe, hoje tão desprezada pela moderna sociedade, e muitas vezes, o que é peor ainda, desprezada por ella mesma, que dependerá o bem estar da grei christã. O bom parochio fará uma boa parochia, e uma boa parochia só pôde ter bons parochianos. Pedimos muito ao Senhor pelo clero parochial, para que elle seja zeloso, devoto, activo, e para que procure nos santos exercicios espirituaes a coragem de apascentar dignamente as ovelhas que lhe são confiadas.

Imploremos do Sagrado Coração de Jesus, um bom parochio, que promova quanto possivel o culto catholico, que nos incite á frequencia dos Sacramentos, que nos saiba guiar, encaminhar no caminho da salvação eterna.

Repitamos todos os dias a seguinte oração durante todo o mez:

O meu Jesus, eu vos offereço, por meio do Coração immaculado de Maria, as orações, as obras e os soffrimentos d'este dia, em reparação de nossas offensas e por todas as outras intenções do vosso divino Coração.

Eu vol-as offereço em particular pelo clero parochial, afim de que o zelo purissimo da vossa gloria estreite cada vez mais os laços que, no interesse sagrado das almas, devem unir os sacerdotes aos fieis e os fieis aos seus pastores.

A intenção de Outubro será—**As Congregações religiosas.**

Não passou desapercibido o dia 14 de agosto em Guimarães, como não é costume passar. O cabido da Insigne e Real Collegiada de N. Senhora da Oliveira, que guarda reliquias venerandas do vencedor de Aljubarrota, fez expor n'uma das oivas do padrão em frente á collegiada o pelote, que o Mestre de Avis trazia sobre as armas na memoravel batalha, e n'um altar, levantado no mesmo padrão cantou missa solemne, com sermão etc. Depois sahiu em procissão a imagem de Nossa Senhora das Victorias, acompanhada pelo Cabido e cleresia da Real Collegiada.

Esta festa é feita a espensas da Camara municipal, e foi costume sempre acompanhar a procissão a vereação municipal: mas este anno, como se memorava o 5.º centenario da batalha, que deu a Portugal a independencia, e como por este facto a festa devera ser maior que nos anteriores annos, a Camara, visto não poder fazer mais, quiz ao menos tornar saliente a commemoração do 5.º centenario não acompanhando a procissão.

Ao Rev.^{mo} Cabido cabem merecidos louvores, por fazer a procissão, mesmo sem a assistencia do Senado.

Como haviamos annunciado fez-se, com a pompa devida a festividade da Ascensão da Santissima Virgem, sob a invocação de Nossa Senhora da Oliveira, com a assistencia do Cabido etc. O templo, o historico monumento, que tem a si ligadas as glorias dos nossos monarchas, estava artisticamente ornamentado, com formosas colgaduras, profusão de flores, e por toda a parte constelação de lumes. A orchestra enchia a sagrada estancia de primorosas harmonias, e o povo, crente e assaz devoto da Santissima Virgem enchia-a completamente, e prostrado diante da santa imagem rendia-lhe fervoroso culto.

Orou de manhã o nosso amigo P.^o José Fernandes Guimarães, hoje parochio encomendado da freguezia de S. Sebastião d'esta cidade, que em nada desmereceu do conceito que grangeára o anno passado em igual festividade, antes augmentára a fama de bom orador que já tinha. E merecida fama é essa, porque o P.^o Fernandes Guimarães, no pulpito mostra-se como o soldado na brecha, combatendo todos os erros da epocha, mostrando a luz

da fé, e da rasão o errado caminho que levam as modernas sociedades, mostrando a verdadeira liberdade nos ensinamentos da Igreja, e a immancipação da humanidade desde o dia em que se arvorara no Calvario a Cruz da redempção.

Felicitemos o nosso amigo por mais este triumpho obtido nos combates da verdade contra o erro.

De tarde subira á cadeira da verdade o Rev.º Padre Francisco Martins, licenciado pela Universidade de Coimbra, que teve como o P.º Ferreira Guimarães um numerosissimo e selecto auditorio.

A procissão era formada por varias irmandades e confrarias, pela coraria e cabido. Este no limitadissimo numero a que a *liberdade* o tem reduzido, 3 ou 4 conegos, quando nos lembramos de ver n'esta procissão 28 membros do Cabido de Guimarães! Levava muitos *anjinhos* primorosamente vestidos.

Fechava o prestito a banda do regimento 20, e não levava guarda de honra, porque a tropa está a fazer *cordões*.

Damos os parabens á mesa da irmandade pelas pompas que estenda em honra da Padroeira d'esta cidade.

Emquanto o governo, para se esquecer do *microbio* que põe em perigo a fazenda publica, attende ao *microbio* colerico, mandando tropas para as fronteiras, sem que com isso nada consiga, o povo portuguez, conhecendo a incapacidade dos homens de Estado para a governança publica, e muito mais para o livrar da invasão do cholera, faz preces e procissões de penitencia, a que o *Primeiro de Janeiro*, jornal das ruas, chama scenas medievae. *Forte sabio!*

A voz dos Venerandos Prelados quasi em todas as terras se tem feito procissão para implorar de Deus afaste de nós a terrivel epidemia. Aqui em Guimarães fizeram-se preces em varias igrejas, e sahio em procissão S. Sebastião e S. Roque, procissão acompanhada por mais de 10 mil pessoas. Vieram tambem em procissão de penitencia da Serra de Santa Catharina para a Real Collegiada, a milagrosa Imagem de Nossa Senhora do Carmo da Penha, tambem acompanhada por milhares de pessoas, havendo sermão ao recolher, pelo Rev.º P.º Domingos Ribeiro Dias, illustrado sacerdote vimaranense. Vieram em procissão da Costa, templo venerando que se ergue na fralda da serra de Santa Catharina, as ima-

gens do Senhor da Agonia, S. Jeronymo e S. Sebastião; fazendo esta procissão um trajecto, talvez de 10 kilometros, entrando no templo de S. Francisco onde prégou o Rev.º P.º Carlos Gouveia, Missionario jesuita de Braga, que teve um auditorio de mais de 4 mil pessoas, havendo igual n.º fóra, por não caber na igreja. O sabio missionario attribuiu os males que affligem a Hespanha aos erros e desvarios da epocha, e muito rasoavelmente pensa S. Rev.º, embora os jornalecos da *geringonça* tenham censurado já outros oradores, que fizeram igual condemnação. Foi um sermão á altura das circumstancias e que deixou os ouvintes commovidissimos.

E com estas penitencias havemos ser livres do cholera, porque sendo um castigo de Deus, alguma das orações deve chegar até Elle, e nós seremos livres.

Bom era que os povos da fronteira fossem livres do cholera dos soldados, bem peor que o outro cholera.

Hoje que é distribuido aos actuaes assignantes da nossa Revista um prospecto para o 8.º anno, e quando se lhe pede auxilio e protecção para que ella possa caminhar ovan-te no caminho que encetara, não é fóra de proposito lembrar a todos o que acontece em França, n'essa França paganisada pelo republicanismismo atheu, com respeito ao jornalismo catholico.

O jornal catholico *La Croix* contava o anno passado 15:000 assignantes, e fazendo um appello aos padres e catholicos em geral pôde elevar a sua tiragem a 30:000 exemplares, e agora louva elle de novo ao Senhor, por ser attendido em novo appello. *La Croix* é hoje lida em toda a França, e difficil será encontrar um lugar, por mais pequeno, onde ella não conte assignantes.

E porque se dá este facto em França, e se não dá em Portugal?

E' porque na França ha uma reacção bem organizada e forte contra as hostes da impiedade; em Portugal ha quasi o indifferentismo para as cousas que mais deveriam interessar os catholicos.

Mas esse indifferentismo hade ir desaparecendo, mercè de Deus, e nós havemos de dizer de nossos actuaes subscriptores, o que o jornal francez diz dos seus antigos subscriptores. Appellamos, pois, para a religiosidade dos nossos actuaes assignantes, e esperamos ver o *Progresso Catholico*, ao entrar no 8.º

anno, contar dobrado n.º de assignantes do que tem presentemente. Para isto basta que cada um nos offereça um novo assignante, que peça a um amigo que se aliste sob a nossa bandeira, que inste para que o *Progresso Catholico* va substituir algum jornal, orgão da impiedade, de tantos que invadem muitas casas de bons catholicos. Feito isto, que nos parece facilimo, nós diremos, como os redactores de *La Croix*. Os nossos leitores soberam correr ao nosso appello e o *Progresso Catholico* redobrou os seus leitores.

Esperamos que assim seja.

A imprensa catholica do imperio allemã tem commentado com alegria pasmosa a seguinte noticia, que nós com o maior jubilo publicamos tambem.

Achava-se o imperador em Ems, restabelecendo-se dos seus ultimos incommodos, e quando estava em estado de receber visitas e de sahir dos seus aposentos particulares, convidou para um jantar a varias pessoas das mais distinctas da terra onde se achava, e na cabeça da lista dos convidados collocou o nome do novo Bispo de Limburgo, Mons. Roos.

Depois de concluido o jantar, e quando o Prelado catholico se retirava disse-lhe o Imperador Guilherme: **«Rogae ao céo, para que o Senhor me conceda a singular graça, de não terminar o meu reinado sem que veja terminadas as discordias que teem produzido as leis de maio».**

O bondoso Prelado agradeceu ao Soberano os seus bons desejos, e ordenou ao clero da sua Diocese fizesse preces para que o Todo Poderoso conceda o completo restabelecimento da paz religiosa na Alemanha.

Como veem nossos leitores é importantissima a noticia, mas parece que os desejos de Bismark se não harmonisam muito com os da familia imperial. Em todo o caso louvemos a Deus, que não demorará muito o triumpho desejado.

Alvorçou-se a sociedade culta de Londres, e esse alvoroço deve ter sido imitado por todos os povos da Europa e do mundo civilisado, ao ler um artigo ha pouco publicado na *«Pall Mall Gazette»*, debaixo do titulo de *«The maiden tribut of modern Babylon»*. É o caso não é para menos, porque n'esse artigo se descreve no puro realismo, o estado medonho da corrupção de Londres, e a gengrena que o abuso de todos os vicios se tem apoderado d'aquelle povo.

E' uma descripção medonha, que

faz arrepiar as mais largas consciencias, que faz tremer os viciosos.

O governo mandou proceder contra o periodico, mas o seu director, Thompson está satisfeito por ter occasião de provar perante os tribunaes a verdade do que dissera.

E' pois uma verdade esse sudario de crimes os mais infames, essa cadeia de escandalos contra a moral, contra a virtude, contra o bem estar das familias! Horror!

Os catholicos e os poucos protestantes de boa fe, que existem em Londres, ainda que lastimam a fórma escandalosa em que estão escriptos os artigos, abrigam a esperança de que esses mesmos artigos sirvam para fazer que um dique se levante para soste essa medonha torrente de crimes, e fazer que desapareça essa nefanda escola de todos os vicios, e se presigam os seus auctores, visto que não foram taes crimes desmentidos até hoje.

A pena recusa-se á transcripção dos mais desmaiados traços d'esse quadro de horrores, a que só pôde prestar-se um povo que renegou da verdadeira religião; poderemos nós, e dariamos uma mostra de tão repugnante, mas infelizmente, verdadeira narrativa.

E ha quem não creia que o cholera seja um castigo de Deus!

Quando a Inglaterra soffre as consequencias do erro em que cairá, fugindo do aprisco governado pelo Papa, pelo Pastor supremo do rebanho de Jesus, prepara-se a China para entrar em relações amigaveis com a Igreja.

Sim, é possível, certo quasi, que o Santo Padre Leão XIII tenha a gloria de estabelecer uma Nunciatura em Pekin, e ver ao mesmo tempo, entre o Corpo diplomatico, acreditado junto do Vaticano um ministro ou embaixador do Imperio Chinez.

As negociações vão muito adiantadas, e quando o facto se realisar será um triumpho para a Igreja, que poderá cuidar livremente das missões catholicas, que tanto soffrem no *celestial* Imperio, e poderá dispensar ás Ordens religiosas n'aquelle paiz estabelecidas a protecção que lhe negam as nações catholicas.

Roguemos todos a Deus Nosso Senhor, por esta grande obra de Leão XIII.

Nos Estados-Unidos propaga-se espantosamente o Catholicismo, como por vezes o havemos dito n'este

lugar, e hoje repetimos narrando o facto seguinte:

A Diocese de Cleveland, que abrange todo o Norte do Ohio n'uma extensão de 250 milhas de Este a Oeste e 100 de Norte a Sul, foi creada em 1847, pelo já fallecido Mons. Bappe.

Contava então 17 mil almas e possuia uma pequena igreja que fazia as vezes de Cathedral, e espalhadas pela Diocese havia umas 16 capellas, mas nem havia casas, parochias, asylos, hospitaes, etc., e sacerdotes em toda a Diocese contavam-se 16!

Hoje a povoação de Cleveland passa de 230:000 almas, e só na capital conta 22 igrejas catholicas, e em toda a Diocese tem umas 221 igrejas, 123 escolas parochiaes frequentadas por 25 mil creanças; e os 16 sacerdotes que tinha em 1847, transformaram-se em 186, que é quantos tem hoje.

Possue Cleveland um notavel seminario, cinco academias para as jovens que se destinam ao ensino, 5 hospitaes e 7 casas para orphãos com 780 recolhidos. Tem mais 23 conventos com mais de 800 religiosos de ambos os sexos, 3 asylos para entevados e uma casa de correcção ou regeneração.

Isto observa-se nos Estados-Unidos, contraste bem frisante com o que se nota nos paizes catholicos da Europa, entre os quaes se destaca Portugal, presa da Revolução, e por isso com os braços maneados para os grandes progressos da humanidade.

Louvemos a Deus que tambem podemos narrar um facto sobrenatural, um milagre, que nos foi contado pela pessoa que teve a felicidade de ser escutada em suas preces.

Uma pequena creança de menos de anno de idade, depois de varios soffrimentos perdera a vista, sendo impotentes todos os esforços da sciencia para lh'a restituir. A mãe, crente e religiosa como devem ser todas as mães, recorreu á sciencia infalível, á sciencia que dá a fé, e com a filhinha nos braços e as lagrimas nos olhos foi ajoelhar-se aos pés da imagem da Virgem Santissima, que, sob a invocação de Nossa Senhora de Lourdes, venderam no seu oratorio particular as Ex.^{mas} Sr.^{as} Chaves, piedosissimas senhoras bem conhecidas aqui.

Como a triste mãe pedira A'quella que é mãe de todos, só

o poderá dizer quem já alguma vez pediu a vista de um ente querido; mas o que sabemos, o que affirmamos, o que proclamamos do alto d'esta tribuna da imprensa é que a mãe ao outro dia, procurando nos olhos da filhinha a resposta á supplica que á Virgem fizera na vespera, conheceu que a vista estava clara, que a sua filha via como toda a outra gente.

O facto milagroso que ali fica, foi-nos narrado pela propria mãe, que, com a filhinha nos braços e a alegria pintada no rosto, veio ao nosso escriptorio, na segunda feira 25 do corrente para esse fim, acrescentado que os medicos, que viram a creança cega, attribuiram a milagre o vel-a depois com vista.

A narração do milagre foi-nos feita diante do nosso amigo P.^o Lima, e do Avô da creancinha, e pode ser feita pela bocca da propria mãe aquem a procurar na rua de D. João 1.^o Chama-se Rosa de Jesus, e é casada com Manoel Affonso Guimarães, par venturoso que mereceu uma graça da SS. Virgem.

Louvamos mais uma vez ao Senhor, e aos nossos collegas na imprensa catholica pedimos o favor de transcreverem esta noticia.

Reappareceu o «Macaense», esclarecido collega nosso, que por algum tempo estivera suspenso até adquirir typographia propria.

Como do seu titulo se vê é publicado em Macau, na India portugueza, n'esse padrão das nossas antigas glorias.

Saudamos a apparição do nosso companheiro na imprensa catholica portugueza, e desejamos lhe prospera vida semeada de todas as felicidades.

Vamos dar a nossos leitores a agradavel noticia de que para o proximo n.^o publicaremos o prospecto annuncio do «Anno Christão», esplendida obra do Padre Jesuita Croisset, illustrada com gravuras.

E' um verdadeiro devocionario, e mais completo.

Até ao n.^o seguinte.

No proximo n.^o continuaremos a publicar os protestos que temos recebido contra o «Athleta» e Prefeito de Roma.

J. de Freitas.